

São Josemaria Escrivá, a Guerra Civil de Espanha e a capacidade de perdoar

Entrevista ao realizador de *There Be Dragons* [Aqui há dragões]
Jesús Colina

ROMA, 1 de JAN, 2011 (Zenit.org)

Vai ser lançado, já na Primavera deste ano, um filme que contará entre os seus protagonistas com São Josemaria Escrivá, fundador do Opus Dei. O filme trata dos temas da guerra, do amor e da capacidade de perdoar. Zenit conversou com Roland Joffé, o realizador do referido filme, *There Be Dragons*, que é também o realizador de obras como *A Missão* e *Killing Fields*.

There Be Dragons tem lugar durante a Guerra Civil de Espanha, e leva à cena temas como a santidade e a traição, o amor e o ódio, a violência e o perdão, e o sentido da vida corrente. No princípio deste ano, em que se assinala o 75º aniversário do começo da Guerra Civil de Espanha, Zenit interrogou Joffé sobre a história que está por trás deste filme e sobre aquilo que o público pode esperar dele.

ZENIT – A que se refere o título do filme, *There Be Dragons*?

Joffé – Os autores dos mapas medievais assinalavam os territórios que ainda não eram conhecidos com a seguinte inscrição: «*Hic sunt dragones*», «Aqui há dragões». Quando comecei a investigar e a escrever este guião, não sabia exactamente o que daqui sairia, nem sabia bem como iria tudo isto terminar, de maneira que *There Be Dragons* pareceu-me um título bastante adequado a este projecto. Os temas da santidade, da religião e da política do século XX, o



passado de um país diferente do meu, tudo isso era para mim território desconhecido.

Impressionou-me que Josemaria afirmasse que é possível encontrar a Deus na «vida de todos os dias», e que essa «vida de todos os dias» fosse, no caso dele, a Guerra Civil de Espanha. Como é que se pode encontrar o divino em plena guerra?, perguntei a mim mesmo. Mas, no fundo, esta pergunta pode ser colocada relativamente a todas as circunstâncias da nossa vida, à maneira como olhamos para elas. Como reagimos nós ao ódio e à rejeição, ao desejo de vingança e à justiça? São tudo dilemas que se intensificam em tempo de guerra. Ora, estes dilemas são, em certo sentido, os «dragões» do filme; são pontos de viragem na nossa vida, momentos em somos confrontados com alternativas marcantes, alternativas

essas que terão consequências decisivas no nosso futuro.

There Be Dragons é um filme sobre as opções que as diferentes pessoas fazem nesses pontos de viragem da sua vida – nesses momentos de tentação, se assim lhes quiser chamar –, e sobre a dificuldade, mas ao mesmo tempo a necessidade, de evitar a todo o custo os ciclos de ódio, de ressentimento e de violência.

ZENIT – O filme tem como palco a Guerra Civil de Espanha que foi, em certo sentido, um paradigma de violência que gera violência, e de violência sem sentido. Perante um cenário como este – um cenário de violência fratricida – haverá ainda espaço para a esperança?

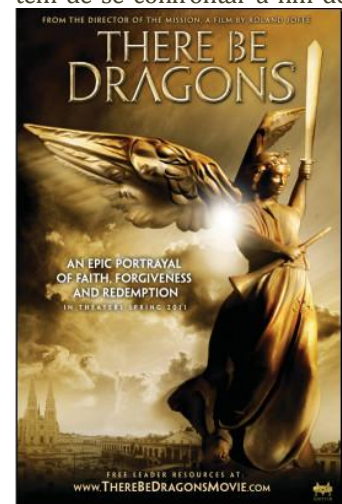
Joffé – Haver, há, embora seja extremamente difícil. Nesse período, praticaram-se muitos actos horríveis, pavorosos, actos que parecem imperdoáveis, irredimíveis, impossíveis de ultrapassar. Mas é possível perdoar! É possível suspender os ciclos de violência! O Presidente Mandela demonstrou que assim era na África do Sul. Muitas pessoas heróicas mostraram que o perdão era possível no Rwanda, muitos palestinianos e israelitas, homens de coragem, perdoaram e foram perdoados. Josemaria também afirmava que as pessoas normais podiam ser santas – e a mim parece-me que ele se referia a este género de heróica capacidade de perdoar. É esta inesgotável possibilidade de perdoar que dá origem à esperança.

Mas há um elevado preço a pagar por isso; esta capacidade de perdoar requer de nós uma profunda percepção daquilo em que consiste ser inteiramente humano, um profundo sentimento de compaixão, bem como uma firme decisão, e uma decisão individual, que é heróica, de não nos deixarmos envolver

nos ódios dominantes, mas de lutarmos contra eles com um amor incansável.

A acção do filme tem lugar, quase toda, durante a Guerra Civil de Espanha, mas com saltos entre esse período e 1982. A história envolve várias gerações de pessoas, e o passado lança uma sombra sobre o presente. O elemento comum às várias épocas é Robert,

um jornalista que tem de escrever um artigo sobre Josemaria Escrivá aquando da beatificação deste, e que vem a descobrir que o pai, Manolo, foi amigo de infância de Josemaria e esteve com ele no seminário, embora a vida de um e outro tenham depois seguido caminhos profundamente distintos. Robert e Manolo não falam um com o outro há muitos anos, e o filme aproxima-os, ao mesmo tempo que revela uma verdade terrível acerca do passado. Trata-se portanto também de um filme sobre um pai e um filho, e da verdade com que eles têm de se confrontar a fim de poderem



ultrapassar aquilo que se interpôs entre os dois. É indubitavelmente um filme sobre o amor, sobre a força da presença do amor e sobre a terrível aridez que a sua ausência gera no mundo.

As guerras civis são especialmente pavorosas porque lançam irmão contra

irmão, família contra família. No final da **Guerra Civil de Espanha**, tinha morrido meio milhão de pessoas. Mas uma guerra civil é uma vigorosa metáfora da família. Tal como acontece nas guerras civis, também no interior das famílias as pessoas tomam partido e cortam relações, os velhos ressentimentos tornam-se uma fonte de novos ódios; não perdoamos a uma tia ter feito isto ou aquilo, não falamos com o nosso pai porque ele abandonou a nossa mãe, não falamos com a nossa mãe porque ela fugiu com outro, não falamos com um filho porque ele optou por uma carreira que não era a que nós tínhamos



idealizado – e estas são as guerras civis da nossa vida. **There Be Dragons** é um filme sobre os dois tipos de guerra civil.

No fundo, temos de decidir se queremos alimenta estes ressentimentos ou se queremos encontrar maneira de os ultrapassar. Podemos ver a vida como uma sucessão de injustiças, de rejeições e ofensas, ou como uma sequência de oportunidades de dominar esses dragões, por via de um enorme desejo de substituir o ódio pelo amor e a proximidade.

Há muitas pessoas que conseguem fazer essa opção heróica, que se apercebem de que podem optar pela liberdade, que têm suficiente força de carácter para perceber que o ódio é uma prisão. Quem odeia não pode ser livre. Conhecemos muitas exemplificações deste adágio desde a **I Guerra Mundial**. Por outro lado, quando as pessoas optam pelo amor, um observador imparcial consegue perceber que assim foi, consegue detectar nelas este sentimento de liberdade, de compaixão, de doação. Todos acabamos por nos confrontar com esta opção. O próprio **Robert**, que é

materialista e agnóstico, terá de escolher entre o amor e o ódio – terá de escolher, num certo sentido, entre combater o mundo com o amor ou, como lhe diz **Aline**, «combater a **Deus** com o amor».

Para mim, este é o tema do filme. A capacidade de perdoar liberta aquilo que estava preso, toca em tudo aquilo que é humano dentro daquele que é perdoado, e em tudo aquilo que é humano dentro daquele que perdoa.

Amar nem sempre é fácil, não pode ser sempre fácil. O amor não pode resultar de um sentimento de superioridade; só pode resultar de um sentimento de humildade, da convicção de que somos feitos da mesma massa. Mas o amor tem uma beleza impressionante. O amor diz-nos: Vamos, sai de dentro de ti próprio. Achas que não és capaz de perdoar? Pois olha, só saberás se és ou não quando perdoares.

E como é que conseguimos perdoar? Conseguimos perdoar pondo-nos no lugar da outra pessoa. Perdoamos quando nos permitimos ser a outra pessoa, quando deixamos de a demonizar, quando deixamos de dizer: «Eu sou melhor do que ele, eu nunca seria capaz de fazer aquilo», mas pelo contrário olhamos para ela e dizemos: «Podia ter sido eu a fazer aquilo».

Portanto, eu diria que sim, que há lugar para a esperança, e que há lugar para a esperança nas mais dolorosas, trágicas e terríveis circunstâncias, naquelas circunstâncias em que a esperança nos parece impossível.

ZENIT – Este filme é dirigido aos crentes ou aos não crentes?

Joffé – **There Be Dragons** leva a fé a sério, leva a santidade a sério, mas não se dirige apenas a um público com convicções religiosas.

Essa pergunta pressupõe uma distinção que na realidade não existe. Todos vivemos num mundo cheio de problemas, todos nos confrontamos com as alegrias e as tristezas da vida corrente, e por muito diferentes que sejam as interpretações que fazemos desta experiência, a verdade é que, no fundo, todos nós habitamos o mesmo mundo, que é um mundo dilacerado e cheio de perturbações.

Este filme é sobre crentes e não crentes. Eu fiquei muito impressionado com a convicção de **Josemaria** de que todos somos potenciais santos, com a sua

convicção de que todos somos, em última análise, capazes de matar os nossos dragões. Tenho a esperança de que as pessoas que virem este filme revejam nele as lutas que elas próprias travam contra os seus próprios dragões, e reconheçam a veracidade do que ele dizia: que nunca nenhum santo se santificou sem luta.

Outro tema do filme são as muitas formas do amor. O amor que **Ildiko** tem a **Oriol** é uma forma específica de amor; o amor que ela tem a um mundo melhor é outra forma de amor. O amor de **Manolo** por **Ildiko** é ainda uma terceira forma de amor, embora esteja repleto de ciúme e ressentimento; e o amor por que **Manolo** anseia e que finalmente lhe é dado é, também ele, outro tipo muito particular de amor.

Estes diferentes tipos de amor reúnem-se numa espécie de teia de aranha de fios individuais, cada um dos quais parece ser independente, mas depois acaba por se perceber que fazem parte de um todo mais amplo, que estão todos ligados à mesma coisa, que conduzem ao mesmo ponto, ao mesmo centro. Por fim, estes diferentes fios de amor, que parecem tão distintos uns dos outros, acabam por remeter para um ponto fundamental: «Este amor é ou não maior que o amor que eu tenho a mim próprio?» E essa questão está cheia de conteúdo, e presidiu a grande parte dos movimentos políticos do começo do século XX.

Mas o filme coloca outra questão de complexidade ainda maior. Se este amor apaixonado se baseia num ideal, ou numa



idealização, se consiste na aceitação de um único modelo de comportamento humano, como pode ele deixar de resvalar para a hipocrisia e a demonização? E desde o **Iluminismo** que esta é uma questão-chave do pensamento. Em nome do amor ao bem maior, foram cometidos muitos actos de

inumanidade grosseira. Parece-me que a única maneira de encontrarmos uma via para a compreensão dos outros, para aquela profunda empatia e aquele sentimento de unidade com os outros que liberta da demonização e dos ciclos de violência irredimível – que a única maneira de encontrarmos este caminho é compreendendo a trágica falibilidade de todos os seres humanos e de todas as actividades humanas.

There Be Dragons não é um filme católico, mas o tema do filme é um tema essencial da teologia cristã, que está presente em todas as igrejas cristãs, bem como em muitas outras religiões. Todas as religiões têm a noção de que os seres humanos, nas suas relações uns com os outros, fazem opções de carácter divino, opções que afectam profundamente as outras pessoas e o mundo que os rodeia. Essas inter-relações são a base do amor; aquilo que fazemos pelos outros ou contra os outros afecta-nos a nós e afecta-os a eles, porque nós estamos ligados uns aos outros.

ZENIT – Josemaria Escrivá é actualmente um santo da Igreja Católica. Que componentes da sua personagem são factuais e que componentes são ficcionais?

Joffé – De todas as personagens do filme, a de **Josemaria** é a única que existiu realmente, a única sobre a qual há múltiplos registos e uma quantidade enorme de dados biográficos. Parece-me que a apresentação que fazemos de **Josemaria**, da sua profunda afectividade, do seu sentido de humor – que o tinha indubitavelmente –, se torna manifesta nos acontecimentos da sua vida que encenamos no filme, e julgo que está bastante próxima da realidade.

Era minha intenção retratar esta personagem de uma forma honesta, tomar a sua fé à letra, como ele a tomava. É costume ver os santos – em estranha oposição à prostituta do coração de ouro – como pessoas com um coração de chumbo; a mim parece-me que essa visão não passa de uma convenção cómoda. Na realidade, a história de **Josemaria** é a história de um homem que deu um passo extraordinário, que consistiu em simplificar a sua vida, orientando-a exclusivamente para um intenso e puro amor a Deus; e este amor a Deus passa a ser um princípio organizador, que confere à sua vida uma forma e uma espécie de simplicidade e de força. Mas não é por isso que ele se torna

desinteressante, ou insípido, porque esse amor existia no mundo real, e o fruto dessa existência no mundo real, um mundo que é frequentemente duro e cruel, é sempre, para qualquer homem honesto, a dúvida – a dúvida de **Deus** e a dúvida do bem –, uma dúvida que acaba por ser profundamente fértil.

O amor não é um dado adquirido, não é uma coisa a que temos direito pelo facto de existirmos. É preciso lutar por ele. O amor é aquilo que nós, como seres humanos, temos de produzir. E temos de encontrar este amor no mais fundo de nós próprios, compreendendo a obscura beleza da nossa própria fragilidade e da fragilidade dos outros. Num sentido profundo, parece-me ser isso que a história de **Cristo** demonstra.

Os crentes terão de encontrar esse amor no fundo de si próprios e de o oferecer a **Deus** e às criaturas de **Deus**. Os não crentes terão igualmente de o encontrar e de o oferecer aos outros seres humanos, independentemente das suas opções políticas, da sua raça e da sua religião.

ZENIT – Tinha alguma ideia prévia sobre a maneira de apresentar a Guerra Civil de Espanha e algumas das personagens do filme, como por exemplo São Josemaria Escrivá?

Joffé – Antes de me terem pedido que fizesse este filme, eu não sabia grande coisa sobre **Josemaria**. Aquilo que se passou foi que, a determinada altura, um dos produtores do filme veio à **Holanda** tentar convencer-me a fazer o filme, e trouxe consigo vários livros e diverso material, entre os quais um DVD de **Josemaria**. Jantámos juntos e foi um jantar muito, muito agradável, e eu voltei para casa a pensar: «Não estou interessado em fazer isto. Tenho em mãos outro projecto que estou interessado em fazer, e que se passa na **Índia**, e no qual estou a trabalhar há imenso tempo.» Por outras palavras, achei que era uma proposta muito, muito simpática, e agradei imenso o jantar, mas tinha decidido dizer que não.

Era Verão, estava uma noite linda, por isso fui instalar-me no jardim de minha casa com um copo de vinho branco, meti o DVD no leitor, e sentei-me ao computador a escrever uma cartinha em que dizia: «Caro X, muito obrigado, agradeço-lhe muito o incómodo que teve, mas francamente parece-me preferível ir procurar outra pessoa.»

Mas o DVD continuava a rodar, e a certa altura houve uma cena que me chamo a atenção: **Josemaria** dirigia-se a um grupo de pessoas, devia ser no **Chile** ou na **Argentina**, não sei agora bem onde era, e houve uma rapariga que levantou o braço e disse: «Quero fazer-lhe uma



pergunta.» E Josemaria diz-lhe: «Sim, diz.» E ela diz-lhe: «Quero converter-me ao cristianismo.» E ele diz: «Sim?» E ela prossegue: «Mas os meus pais são judeus e a ideia não lhes agrada assim muito.» E **Josemaria** responde sem pestanejar: «Oh, minha filha, não, não, honrar pai e mãe é uma coisa muito agradável a **Deus**. **Deus** não te pede que deixes de respeitar os teus pais, que desagrades aos teus pais. De maneira nenhuma! Aquilo que tens no coração é aquilo que tens no coração. Não, não, não perturbes os teus pais, não faças sofrer os teus pais. Não tens de o fazer, de maneira nenhuma.» E eu ouvi aquela troca de impressões e pensei: «Mas que coisa maravilhosa, que momento maravilhoso e inesperado, em especial vindo como vem de uma organização que toda a gente julga que vai dizer o contrário.»

Depois voltei a olhar para o computador e pensei: «Espera aí.» Desliguei o DVD, larguei a carta, e escrevi uma cena em que **Josemaria** se encontra com um homem que está a morrer, um homem que ele já conhecia, e que lhe diz que é judeu e que está a pensar em se converter. Escrevi a cena do princípio ao fim, e depois pensei: «Gostava imenso de ver esta cena num filme. Mas a única maneira de ver esta cena num filme é fazer o dito filme, não é verdade? Porque mais ninguém introduzia esta cena num filme.»

De maneira que, em lugar da primeira carta que tencionava escrever, optei por outra: «Caro X, estou muito interessado

neste projecto, desde que seja eu a decidir o que faço, que não tenha de seguir nenhuma orientação, e desde que você aceite que eu não sou propriamente um génio e que farei o melhor que souber, mas tenho de ser fiel à minha verdade. Se isto lhe parecer bem, tenho todo o gosto em realizar este projecto.»

E foi basicamente isto que aconteceu. Não tinha grandes conhecimentos sobre **Josemaria**, tinha uma ideia, evidentemente, mas foi principalmente aquele momento do DVD que suscitou o meu interesse pelo filme. Apareceu-me uma história sobre um homem, eu li essa história, e cheguei à conclusão de que tinha respeito por ele; na verdade, não se tratava apenas de ter respeito por ele, pareceu-me que, na sua luta, ele encarnava qualquer coisa de



maravilhoso que dizia respeito a todos os seres humanos, e foi essa história que eu quis contar, e o filme é sobre isso.

Também não foi nada fácil tratar a **Guerra Civil de Espanha**, evidentemente. Teria sido mais fácil tomar partido por um dos lados, mas nesse caso teria contrariado o que eu queria que fosse o aspecto crucial desta narrativa. A história nunca é imparcial; a história é escrita pelos vencedores e reescrita pelos vencidos. Muitas pessoas optam simplesmente por acreditar nos boatos ou nos mitos que mais lhes agradam, e eu não duvido de que teremos de nos confrontar com algumas opiniões sobre aquilo que é ou que era o **Opus Dei**, sobre quem era **Josemaria**, e sobre aquilo que realmente «foi» a **Guerra Civil** de Espanha. Era minha intenção mostrar o que se passou em **Espanha** durante a guerra civil sem tomar partido. Na realidade, a **Espanha** passou, durante um período muito curto, por aquilo mesmo por que a **Grã-Bretanha**, por exemplo, passou durante

cem anos, e que foi absorvendo no decurso desse período longo. A revolução industrial, ideologias de classe muito marcadas, para além da perda do império e da instabilidade económica – em **Espanha**, as coisas foram mais marcadas, mais a preto e branco. A bem dizer, era muito fácil a sociedade espanhola fracturar-se, como era muito fácil, tendo em conta a ideologia da época, assumir posições opostas e intensamente estremadas sobre questões como a justiça social, o papel da **Igreja** e por aí fora. A certa altura, como geralmente acontece quando se gera este tipo de tensões sociais, as posições mais extremadas começaram a guerrear-se, o centro foi perdendo peso e os pólos opostos foram-se reforçando. Ambos os lados da **Guerra Civil** de **Espanha** tinham ideais e um acentuado sentido da própria virtude. E, tal como aconteceu com movimentos políticos semelhantes no resto da **Europa**, as pessoas de ambos os lados começaram a demonizar-se mutuamente. Mas aquilo que, na **Europa**, conduziu a separações de base nacional, em **Espanha** tornou-se fratricida, deixando cicatrizes psicológicas profundas e difíceis de sarar. Aquilo que aconteceu em **Espanha** foi extremamente complicado e dividiu as famílias de uma forma extremamente dolorosa. Um irmão escolhe uma via, outro irmão escolhe outra via, mas deixam por isso de ser irmãos? E, se deixamos de ser irmãos por causa disso, se estamos dispostos a matar os nossos irmãos em função das nossas convicções, que valor têm então as nossas opções?

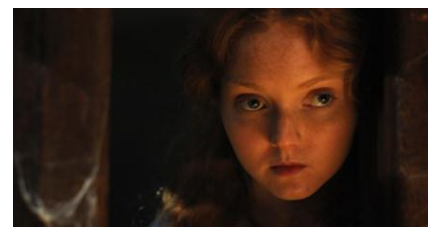
ZENIT – A realização deste filme teve alguma influência sobre a sua vida pessoal?

Joffé – Respondo-lhe da seguinte maneira: não sou propriamente uma pessoa com grandes convicções religiosas, mas pediram-me que escrevesse sobre um homem que as tinha. E eu fui obrigado a recuar um passo e a dizer: «Quando escrever sobre **Josemaria**, tenho de tomar como verdadeiro, com total honestidade e verdade, tudo aquilo que **Josemaria** me diz que era importante para ele, tudo aquilo que dava sentido à sua vida, tudo aquilo que a sua experiência religiosa significava. Tenho de me informar sobre o que é a experiência religiosa com honestidade e sem preconceitos, e de permitir que ela me confronte.»

Li uma série de coisas sobre a experiência religiosa. Comoveu-me e

impressionou-me verificar que muitos cientistas (em especial físicos) tinham uma profunda experiência de **Deus**, e comoveu-me compreender que a distinção entre a ciência e a religião, que se tornou um lugar-comum no nosso tempo, é afinal falsa. Tive oportunidade de compreender a grande descoberta da física moderna: que o nosso sentido de realidade assenta em modelos da mesma realidade que construímos no cérebro, e que portanto há muitos modelos da realidade, muitos dos quais são insuficientes como explicação de todas as coisas, embora sejam adequados como explicação de algumas delas. São modelos que nos proporcionam uma nova maneira de compreender o que é de facto a realidade, ou as realidades, e que tal compreensão de maneira nenhuma exclui a ideia de **Deus** nem a ideia de uma dimensão espiritual do universo que habitamos; pelo contrário, o facto de a ciência nos ter levado a redefinir e reinterpretar aquilo que é real proporciona-nos mais uma oportunidade de reinterpretar e redefinir aquilo que é espiritual.

Muito provavelmente, só daqui a alguns anos é que perceberei como foi que esta experiência me afectou. Julgo que, quando as coisas são profundas, levam algum tempo a revelar-se em toda a sua extensão. Mas aconteceu-me uma coisa



muito estranha com a filmagem de **There Be Dragons**: eu estava convencido de que seria uma experiência de solidão, mas na realidade foi uma experiência extremamente interessante e nada solitária. Dizer a mim próprio, de um momento para o outro: «Deixa-me suspender as minhas respostas simples e viver antes com as perguntas» foi uma decisão maravilhosamente empolgante, que me fez sentir muito, muito próximo deste estilo de vida, e eu diria que nunca tinha sentido tal coisa. A verdade é que não sei bem até onde tudo isto me conduzirá.